



▾ CANAIS

- AGENDA
- AGRONEGÓCIOS
- ARTIGOS
- AUTOS & MOTOS
- AVIAÇÃO & DEFESA
- BANCOS
- CARNAVAL
- CLUBE FATOR BRASIL
- COLUMNISTAS
- COMBUSTÍVEIS
- COMÉRCIO EXTERIOR
- CONSTRUÇÃO CIVIL & DECORAÇÃO
- CULTURA & DIVERSÃO
- DIREITO & JUSTIÇA
- DUTOS
- EDUCAÇÃO & QUALIFICAÇÃO
- EMPRESAS & NEGÓCIOS
- ENERGIA
- ENOGASTRONOMIA
- ESPORTE BUSINESS
- EVENTOS
- FARMACOLOGIA
- FATOR CULT
- FATOR PÚBLICO
- GÁS
- INDÚSTRIA NAVAL & OFFSHORE
- INTERNACIONAL

23/01/2019 - 08:31

### Um mosquito, muitos problemas

É verão e o que nos evocam essas palavras não soam como música. São mais um sinal de alerta para o alto risco de doenças provocadas pelas picadas do *Aedes aegypti* no período: dengue, zika e chicungunha.

Muito já se falou sobre o grande mal de continuarmos alimentando criadouros de mosquitos em água parada, mas a volta da estação do calor forte e das chuvas mostra que mais ainda precisa ser feito para vencer a luta contra o inseto, em todo o país.

Há campanhas de esclarecimento na TV, ruas inteiras de doentes, óbitos registrados e, mesmo assim, muitos não estão ligando para o problema. Ou até se lembram de evitar a reprodução dos mosquitos, fazendo uma inspeção em casa rápida, para logo esquecer que é melhor remediar do que engrossar as dolorosas estatísticas.

Sem falar na falta de investimentos governamentais em saneamento país afora. O dever de casa vale para o ano todo, da nossa parte e das autoridades.

O drama só piora quando sabemos que o *Aedes* é que pode transmitir a febre amarela na versão urbana, enquanto os *Haemagogus* e *Sabethes* são os responsáveis pelos casos silvestres no Brasil. Tão mais grave que não controlar os mosquitos é seguir fugindo da vacinação contra a doença.

Mais de 480 pessoas já morreram infectadas no Brasil, de julho de 2017 até agora, mas boa parte da população segue com medo da vacina, evitando a ida aos postos de saúde e preferindo ficar exposta às picadas do inseto.

Com as férias se aproximando, cabe frisar que a vacinação é defesa fundamental para quem viajará para áreas de matas.

O baixo índice vacinal assusta. Só na cidade do Rio, sem vacina, 3,9 milhões de pessoas continuam desprotegidas. Muito do comportamento desleixado se explica pela falsa crença de que o vírus da febre amarela não circula mais.

Há também o problema das ditas “fake news”, martelando falsas informações sobre a segurança das vacinas. Com menos pessoas protegidas, maior o risco de a febre amarela ganhar as cidades, deixando os limites das matas. É preciso cada um fazer sua parte para que a febre amarela e as outras doenças transmitidas pelo *Aedes* não virem uma triste epidemia. Ninguém aguenta tanta estatística negativa. Que 2019 comece com mais saúde!

. Por: Paulo Cesar Guimarães, membro do Comitê de Infectologia da Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro e diretor da Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP/Fase).

BANNERS

PUBLIEDITORIAIS

VÍDEOS  
“INSTITUCIONAIS”